

**TRÉPLICA – UM PROJETO EM DISPUTA NA
CONTEMPORANEIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE
EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA**

José Henrique de Faria¹

Coube-me a tarefa, não exatamente formal, de elaborar a tréplica às exposições de Pedro Demo e de Elisângela de Jesus Furtado da Silva. Não tenho discordâncias importantes com Pedro Demo e Elisângela Furtado para abrir um debate. Entretanto, sinto-me provocado por uma questão que ambos expõem, que é o lugar da Educação na Universidade Pública. Esse é o projeto em disputa: Educação Transformadora e educação bancária, para me referir a Paulo Freire. A primeira como emancipação e a segunda como reprodução.

Insisto na tese exposta: a Universidade Pública está se tornando cada vez mais um espaço de reprodução produtivista da lógica do capital, ocultada pelo sistema de avaliação aplicado aos programas de pós-graduação. Tal sistema de avaliação apresenta-se, com suas métricas, modelos e indicadores, como uma proposição politicamente neutra e meritocrática, quando de fato institui a submissão da Universidade a critérios de não consideram sua complexidade, sua diversidade, seus vínculos sociais, sua localidade, sua inserção no lugar em que atua. A universalidade abstrata e conceitualmente arbitrária dos indicadores,

¹ Doutor em Administração (Universidade de São Paulo, Brasil). Professor Titular Sênior Aposentado da Universidade Federal do Paraná. Professor Visitante da Universidade Federal Tecnológica do Paraná. <http://lattes.cnpq.br/3738279410631976>. <https://orcid.org/0000-0003-3971-7992>. jnfaria@gmail.com. Endereço para correspondência: Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Administração. Av. Prefeito Lothário Meissner, 632, Jardim Botânico, Curitiba, PR, Brasil. CEP: 80210-170. Telefone: (55 41) 33604365.

quando tornada como referência de avaliação, afasta a Universidade de sua condição social e de suas contradições, instituindo uma padronização enviesada e despolitizando exatamente o que a caracteriza.

Elisângela Furtado argumenta que considerar que a Universidade “não é lugar para a discussão política é equivalente a reduzi-la a um lugar de mera reprodução, na qual seres inócuos recebem passivamente informações consideradas fatos inquestionáveis. A capacidade criativa e criadora, a famigerada inovação e até mesmo a tal emancipação propalada desde o Iluminismo, são inseparáveis da criticidade”. A meta de assalto ao projeto da Universidade Pública é esvaziá-la da produção crítica e transformadora. Nesse sentido Elisângela Furtado sustenta, adequadamente, que “o conhecimento sobre as disputas ligadas à dimensão política da universidade, o posicionamento em relação aos distintos projetos e ampliação da discussão à sociedade podem ser vistas como passos para uma prática docente reflexiva e consciente, e que nos torna capazes de construirmos a universidade que queremos, nos termos de Darci Ribeiro”. O elemento central desse argumento é a Educação Transformadora, que é, igualmente, o de Pedro Demo.

De fato, Pedro Demo considera que a “Universidade Pública está em disputa porque é uma instituição de importância não disputada para a sociedade e para a economia. Disputam-se promessas não ou mal cumpridas, tendo, porém, as soluções dentro de casa”. Demo considera que “em geral, reclamamos da resistência à mudança que ela mesma [a Universidade Pública] proclama, por ser Educação a via áurea da mudança”. Nesse sentido, afirma Demo, “a universidade finge que não sabe da miséria pedagógica da escola pública, também porque evita diagnosticar (...). Não serve mais um professor profissional do ensino, um reprodutor de conhecimento que sequer sabe produzir. Precisamos de profissionais da aprendizagem, embora não fiquem na conta da universidade a desvalorização do docente básico e suas péssimas condições de trabalho. Esperamos que a universidade caia em si e repense suas práticas pedagógicas

obsoletas, pois ela detém capacidade bem demonstrada de mudar. (...). Mudar implica mudar-se”.

A Universidade Pública, em sua constituição histórica contraditória, é ao mesmo tempo tanto o espaço da mudança, da transformação, quanto da conservação e reprodução. O projeto de Educação Transformadora deve estar permanentemente acionado, na graduação, na pós-graduação, na pesquisa, na extensão e nas atividades administrativas exatamente porque se trata de um projeto em disputa contra um projeto conservador. Para afirmar a importância da Educação Transformadora, ainda que de uma perspectiva sumária, julgo oportuno convidar, para essa tréplica, Paulo Freire (Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996). Em que consiste o projeto político-pedagógico da transformação?

Educação Transformadora, como nos ensina Paulo Freire, é uma ação pedagógica criticamente orientada, alterando as práticas convencionais de quem aprende enquanto ensina e quem ensina enquanto aprende. Transformar não é colocar em outra fôrma, mas mudar a forma, é uma ação epistemológica e como tal, requer curiosidade, audácia, rigor, consciência crítica, ruptura, diálogo, escuta. Educação Transformadora é uma forma de intervir no mundo.

A prática educativa transformadora é ao mesmo tempo a convivência afetiva entre os que ensinam e aprendem, assumindo o ato de conhecer para além do saber sensível (imediatos), rompendo concepções que negam a Educação como ato gnosiológico em um ambiente favorável à epistemologia. Assim, de nada resolve o discurso competente da Educação se a ação pedagógica que lhe corresponde é impermeável às mudanças. A Educação Transformadora não está nas mudanças formais, ainda que necessárias, mas na postura vigilante entre as práticas de desumanização, em que o saber-fazer da autorreflexão crítica deve ser compatível com o saber-ser, contrapondo-se ao individualismo, à competitividade e aos critérios formalistas de competência e de avaliação. A

Educação Transformadora deve ter um compromisso com a solidariedade, pois transformar é mais do que meramente formar novas competências. A Educação Transformadora exige uma prática Transformadora ética ultrapassando a mero concordância em discursos, objetivos, políticos, conteúdos ou projetos.

Em síntese, para Paulo Freire, são elementos constitutivos da Educação Transformadora:

- i. Formação científica, que exige pesquisa. Não há Educação Transformadora sem pesquisa e nem pesquisa que não resulte em Educação Transformadora. Ensina-se para que se pesquise; pesquisa-se para ensinar. Pesquisa-se para conhecer o que se sabe e para ensinar o que se aprende.
- ii. Correção Ética. Em respeito às diferenças, sem concordância nem preconceitos, autoritarismo, discriminação exclusão (social, política e econômica). Aprender eticamente com o diferente é não permitir que as concepções (teóricas, políticas, religiosas, etc.) adotados se imponham aos outros, mas compartilhá-las.
- iii. Ética sem moralismo. Posturas éticas não são compatíveis com moralismos. A ética é indispensável à convivência humana. A presença do sujeito no mundo deve compreender à responsabilidade ética de mover-se nele. Pertencer ao mundo não é ser determinado por este, ainda que se reconheça que o mundo condiciona a forma de ser.
- iv. Não adaptação naturalizada à realidade. Os grandes projetos de uma sociedade justa não significam o mero reconhecimento das fatalidades, mas desafios à sua transformação (note-se, por exemplo, o projeto das nações Unidas, chamado de Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – ODS, que é predominantemente um reconhecimento das fatalidades). Educação

Transformadora não pode ser uma prática que investe na adaptação à realidade tendo em vista melhores condições de sobrevivência nela.

v. Relação Teoria-Prática. A teoria deve ter uma relação com a realidade, superando a concepção de que a mesma seja uma exposição sistematizada de ideias e conceitos. É na prática do fazer que se modificam e se ampliam os saberes. O sujeito que se educa deve ser desde o início de sua experiência gnosiológica, um sujeito epistêmico (da produção do saber). Educação Transformadora é criar possibilidades de construção de conhecimento. Formar não é dar forma a um conhecimento acomodado.

vi. Não há como ensinar algo transformador que não se aprende. Não há Educação Transformadora válida se esta resulta de um conhecimento que não foi capaz ele mesmo de transformar e se transformar. A Educação Transformadora precisa manter viva a capacidade crítica de se contrapor a passividade do aprender.

vii. Rigor metodológico. Educação Transformadora exige rigor metodológico que aproxima o sujeito do conhecimento dos objetos cognoscíveis. Educação Transformadora não é o mesmo que tratar o objeto ou o conteúdo a partir de sua aparência fenomênica. Aquele que aprende precisa ter a segurança de que quem ensina produziu e/ou produz conhecimentos e que são sujeitos do processo gnosiológico e epistemológico. Ensinar não é oferecer conteúdos presentes, mas tensionar conteúdos que incentivem o pensamento crítico transformador, que se relacione com o que acontece no mundo, no país, na cidade, nos bairros, nas salas de aula e que desperte a condição de intervenção na realidade vivida.

viii. . Pedagogia Crítica Transformadora. Aprendizado transformador depende de uma Pedagogia Crítica Transformadora. Pedagogia Crítica Transformadora contempla, mais que alterações formais (processos avaliativos, fixação de conceitos, modelos de ensino, etc.), cumplicidade no processo educativo,

alteridade, coerência entre dizer e fazer, empatia, humildade, generosidade e valorização do Outro. Qualquer projeto transformador precisa ter clareza e conhecimento profundo sobre o objeto a ser transformado para, assim, escapar da armadilha do discurso que transforma palavras e conceitos e não a realidade.

ix. O desenvolvimento social depende antes do fazer social. É o fazer social que sustenta o saber social. Uma comunidade de aprendizagem não é aquela que aprende, mas a que atua e reflete criticamente sobre sua atuação como forma de produzir conhecimento e dele se apropriar (aprender). Uma comunidade de aprendizagem é sucedânea e não precursora do conhecimento que é capaz de produzir. Educação Transformadora não é um efeito da aprendizagem, por melhor que esta seja, mas a gênese de uma epistemologia que transforma a realidade sobre a qual atua.

x. Autonomia Intelectual. Autonomia intelectual é o fundamento da liberdade e da justiça, mas não é garantia de conhecimento transformador. Autonomia intelectual implica respeito aos saberes e ao mesmo tempo a condição de transpor a formação de conhecimentos fossilizados, ultrapassados, equivocados, preconceituosos, autoritários. É preciso precaver-se em relação à autonomia intelectual que considera que qualquer forma de intelectualismo é necessariamente saudável. A ideologia da autonomia intelectual deixou e ainda deixa marcas cruéis e perversas na história da humanidade a justificar vários tipos de atrocidades, exclusões (sociais e políticas e econômicas), práticas que comprometem a vida democrática em sociedade, que geram pobreza, fome e miséria. Autonomia intelectual requer responsabilidade social. Autonomia intelectual é um imperativo ético e não um favor e exatamente porque é ético não admite transgressão da ética.

xi. Conhecer exige criticidade. A experiência ética vivida ou a do senso comum diferencia-se do conhecimento crítico não por ser outro tipo de conhecimento, mas por não ter sido superado por procedimentos

metodologicamente rigorosos do objeto cognoscível. Educação Transformadora supõe uma condição epistemológica do sujeito em sua relação com o objeto.

xii. Distância entre ensinar e fazer. Não há transformação se aquilo que se ensinou se distancia daquilo que se faz. Educação Transformadora demanda coerência entre ser e fazer, falar e agir. Um educando não pode acreditar no conteúdo do educador quando este não pratica aquilo que ensina. Educação Transformadora exige reflexão crítica sobre a prática e uma necessária conciliação entre e a ação.

xiii. Transformação é um ato coletivo. Ninguém transforma ninguém e ninguém se transforma sozinho. A transformação é um processo de construção coletiva. Não existe um agente transformador que atua sobre um agente a ser transformado. Quando determinado conteúdo repercute no sujeito fazendo sentido para ele, é porque nele já havia condições internas para elaborar estes conteúdos. O conteúdo só é transformador se encontrar condições de compartilhamento.

xiv. Mudar é possível e necessário. Transformar pressupõe acreditar que mudar não é apenas possível, como necessário. Toda mudança contém a dor inevitável do rompimento, mas sem rompimento prevalece a conservação, a repetição, a não inovação. Transformar é, também, realmente inovar.

Estes elementos constitutivos da Educação Transformadora resumem de forma muito clara o quanto os critérios de avaliação da Universidade Pública estão longe de uma prática transformadora, o quanto aquilo que se valoriza nos critérios não possuem relação com um projeto de emancipação. Portanto, insisto no argumento de que não é a Universidade Pública que está sob ataque, mas o projeto emancipatório que ela contém, o projeto transformador, atravessado por contradições que constituíram historicamente a Universidade, e que a tornam uma forma material de organização da sociedade. Perder a condição

contraditória, abdicar dos processos de divergência e de enfrentamento é, em última instância, tornar a Universidade Pública mera produtora de mercadoria, tanto para o desenvolvimento direcionado das forças produtivas visando a acumulação ampliada do capital, quanto para a produção, construção e reprodução da ideologia dominante.

Aqueles que ainda defendem a Universidade Pública, Gratuita, de Qualidade e Socialmente Referenciada não podem estar desatentos, alienados, omissos e passivos diante dos projetos que estão em disputa. Sem luta não há mudança revolucionária.

TRÉPLICA – UM PROJETO EM DISPUTA NA CONTEMPORANEIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

Resumo

Esse texto é inspirado na mesa de discussão realizada no XI ENEO, cujo tema foi Universidade Pública: um projeto em disputa na contemporaneidade. As reflexões aqui representam olhares distintos sobre a universidade sendo composta pela proposição inicial de José Henrique de Faria, réplicas de Pedro Demo e Elisângela de Jesus Furtado da Silva, e por fim, a tréplica por José Henrique de Faria. A discussão problematiza a crescente perda de autonomia da organização, as históricas contradições e dilemas atuais e exprimem faces de projetos políticos distintos. Considera-se que, o que se encontra em disputa não é projeto de universidade pública, mas o projeto de Educação Transformadora e educação bancária, a primeira como emancipação e a segunda como reprodução. Nesse cenário, aqueles que ainda defendem a Universidade Pública, Gratuita, de Qualidade e Socialmente Referenciada não podem estar desatentos, alienados, omissos e passivos diante dos projetos que estão em disputa.

Palavras-chave: Universidade. Política. Educação Transformadora.

DÚPLICA – UN PROYECTO EN DISPUTA EN LA CONTEMPORANEIDAD: CONSIDERACIONES SOBRE LA EDUCACIÓN TRANSFORMADORA

Resumen

Este texto se inspira en la mesa de debate celebrada en XI EnEO, cuyo tema fue Universidad Pública: un proyecto en disputa en la contemporaneidad. Las reflexiones aquí expuestas representan diferentes puntos de vista sobre la universidad, estando compuestas por la proposición inicial de José Henrique de Faria, las réplicas de Pedro Demo y Elisângela de Jesus Furtado da Silva y, por último, la dúplica de José Henrique de Faria. El debate problematiza la creciente pérdida de autonomía de la organización, las contradicciones históricas y los dilemas actuales, y expresa caras de distintos proyectos políticos. Se considera que lo que está en disputa no es el proyecto de universidad pública, sino el proyecto de Educación Transformadora y la educación bancaria, la primera como emancipación y la segunda como reproducción. En este escenario, quienes aún defienden la Universidad Pública, Gratuita, de Calidad y Socialmente Referenciada no pueden mostrarse desatentos, ajenos, omisos y pasivos ante los proyectos que están en disputa.

Palabras clave: Universidad. Política. Educación transformadora.

REJOINER – A PROJECT IN DISPUTE IN CONTEMPORARY TIMES: CONSIDERATIONS ON TRANSFORMATIVE EDUCATION

Abstract

This text is inspired by the discussion panel held at the XI ENEO, whose theme was Public University: a project under dispute in contemporary times. The reflections here represent different views about the university, being composed of the initial proposition by José Henrique de Faria, Pedro Demo's and Elisângela de Jesus Furtado da Silva's replies, and finally, José Henrique de Faria's rejoinder. The discussion problematizes the organization's growing loss of autonomy, the historical contradictions and current dilemmas, and expresses faces of distinct political projects. It is considered that what is in dispute is not the public university project, but the project of Transformative Education and banking education, the first as emancipation and the second as reproduction. In this scenario, those who still defend the Public, Free, Quality and Socially Referenced University cannot be inattentive, alienated, omissive and passive before the projects that are in dispute.

Keywords: University. Politics. Transformative Education.

CONTRIBUIÇÃO

José Henrique de Faria

O autor declara ser o único responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

O autor declara não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O autor declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

-

COMO CITAR

Faria, José H. (2022). Tréplica – Um projeto em disputa na contemporaneidade: considerações sobre educação transformadora. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 9(25), 437-448.